

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

MARCOS GUIMARÃES TWIASCHOR - 10765399

***O conceito de paisagem em Humboldt:
uma análise de seu Quadros da Natureza (1807)***

Dezembro/2023

São Paulo

MARCOS GUIMARÃES TWIASCHOR

Trabalho de Graduação Individual (TGI)
apresentado ao Departamento de Geografia da
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências
Humanas, da Universidade de São Paulo, como
parte dos requisitos para obtenção do título de
Bacharel em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Fabio Contel

Resumo

O presente trabalho pretende analisar como aparece o conceito de “Paisagem” na obra *Quadros da Natureza*, publicada no ano de 1807 por Alexander Von Humboldt (1769-1859). Para empreender esta análise, tentamos estabelecer uma contextualização histórica da biografia do autor e das condições gerais da produção intelectual da geografia à época. Revisamos para isso parte da bibliografia e esboçamos algumas propostas de análise, relacionando diferentes campos do conhecimento. Com estes procedimentos, procuramos nos colocar em perspectiva em relação ao estado da arte de alguns aspectos da ciência geográfica neste período de sua gênese moderna, em especial no que diz respeito ao conceito de paisagem em Humboldt.

Palavras-chave: Geografia; História do Pensamento Geográfico; Alexander Von Humboldt; Paisagem; Quadros da Natureza

Abstract

This paper aims to analyze how the concept of "Landscape" appears in the work *Quadros da Natureza*, published in 1807 by Alexander Von Humboldt (1769-1859). To carry out this analysis, we tried to establish a historical contextualization of the author's biography and the general conditions of intellectual production in geography at the time. To this end, we have reviewed part of the bibliography and outlined some proposals for analysis, relating different fields of knowledge. With these procedures, we tried to put ourselves in perspective with regard to the state of the art of some aspects of geographical science in this period of its modern genesis, especially with regard to Humboldt's concept of landscape.

Keywords: Geography; History of Geographical Thought; Alexander Von Humboldt; Landscape; Quadros da Natureza

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
1. HUMBOLDT E OS QUADROS DA NATUREZA: BIOGRAFIA E ELEMENTOS DA OBRA	8
1.1. Visão geral: o barão e suas conjecturas	8
1.2. Literatura sobre o autor e sua obra	19
1.3. O conceito de Paisagem: gênese e desdobramentos	22
2. MÉTODO E REPRESENTAÇÃO	28
2.1. O conceito de paisagem em Humboldt, breve apresentação da fortuna crítica	28
2.2. As interpretações de Humboldt: Paisagem e sua recepção, uma análise dos Quadros da Natureza	32
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	41

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1. ALEXANDER VON HUMBOLDT	10
FIGURA 2. ALEXANDER VON HUMBOLDT E AIMÉ BONPLAND NO MONTE CHIMBORAZO (EQUADOR)	13
FIGURA 3. NATÜRGEMALDE	31

FAUSTO

*Tu, que o infinito mundo rondas,
Gênio da Ação, sinto-me um só contigo!*

O GÊNIO

*És um, com o gênio que em ti sondas;
Mas não comigo!*

(Desaparece)

Fausto I, Goethe

A meu pai.

1. Introdução

O principal objetivo deste Trabalho de Graduação Individual é identificar como aparece e é utilizado o conceito de Paisagem no livro *Quadros da Natureza*, escrito por Alexander Von Humboldt ([1808] 1952), dialogando com a história geral do mesmo conceito. Nossa leitura prévia da obra – assim como de outros textos de apoio – permitiu definir que este termo é central para a compreensão do argumento do autor, e sempre foi – e continua sendo – muito caro à geografia contemporânea, tendo em vista que o que se entende por paisagem aparece no livro às vezes como ‘quadro’, ‘vista’ ou ‘espaço’. Consideramos importante pensar a gênese das formulações de algumas das principais questões geográficas no decorrer da história, sendo o momento estudado fulcral para tais formulações. Tendo em vista a importância de Humboldt para a formação da geografia enquanto campo do saber sistematizado – certamente um clássico na área (MORAES, [1989] 2002) –, nos interessou perscrutar mais detalhadamente as páginas reunidas após suas experiências ultramarinas, procurando identificar quais os principais conceitos e termos que aparecem em sua argumentação, assim como suas formas de especulação. Essa busca “interna” ao texto nos permitirá também analisar alguns aspectos que extrapolam a esfera do caráter científico da obra, que a relacionam com o que hoje entendemos como constituinte do horizonte da ciência geográfica mais amplo.

O interesse pela epistemologia da geografia e pela história do pensamento geográfico foi presente durante toda a graduação, relacionado à intersecção da geografia com outras áreas do conhecimento e sua gênese. As diferenças e confluências entre o pensar geográfico e espacial e a constituição de uma ciência geográfica, com seus controvérsias e reviravoltas foi algo que sempre me saltou aos olhos. Encontrei em Humboldt um “objeto” que lidava, de maneira complexa, com esta articulação, trazendo à tona diversas discussões de cunho teórico acerca da formação da geografia e de seu estabelecimento enquanto ciência; Humboldt é uma espécie de ponto de virada para a ciência moderna, como também nota Moraes ([1989] 2002). Ao invés de ver um vetor único, retilíneo na formação da geografia – como um rio único –, o que parece se apresentar em sua obra é uma espécie de delta, composto de um corpo d’água meândrico e caudaloso, com seus inúmeros afluentes.

Uma das maiores dificuldades da realização do projeto foi lidar com a enorme quantidade de livros e artigos publicados nos últimos quase 200 anos acerca do autor e de sua obra. São centenas de comentadores, de obras que dialogam com o trabalho humboldtiano e sua influência. Também é muito extensa a quantidade de temas tratados por Humboldt, assim

como sua complexidade que, por vezes, é bastante alta. Essa amplitude é, todavia, um dos principais elementos que tornaram interessante a pesquisa.

A análise do conceito de Paisagem poderá nos permitir, portanto, identificar na obra tanto aspectos científicos quanto não-científicos, olhando para a gênese da geografia e seu arcabouço teórico-conceitual. O projeto está sendo organizado com o fim de obter o Bacharelado em Geografia da Universidade de São Paulo, sob orientação do professor Fabio Contel. Sua elaboração está baseada em dois instrumentos metodológicos principais: 1. A revisão da bibliografia; e 2. A pesquisa documental.

Pela revisão bibliográfica realizada, foi definido um quadro teórico de referência inicial a partir de algumas obras de História da Ciência, da História do Pensamento Geográfico, da epistemologia da geografia e da análise biográfica / trajetória de vida do autor estudado. A partir das noções do debate entre visões internalistas e externalistas, como conduzido por Canguilhem (1970) no interior da história das ciências, intentamos construir uma visão que abrange e ultrapassa ambos os métodos de enxergar a história das ciências, de modo a esboçar a questão em sua complexidade. Consideramos igualmente importantes as considerações tanto do contexto sócio-histórico no interior do qual desenvolvem-se as ideias e conceitos que discutimos, quanto do horizonte retórico específico ao qual estamos olhando, ou seja, sua linguagem determinada, seu discurso e as inflexões presentes na história da mesma. Temos em vista essa ideia de história da ciência enquanto escola e tribunal, afastando-se de uma concepção positivista, conforme preconiza Portocarrero (2009). É mister estudar o objeto da ciência, o conceito em seu devir histórico. Como colocam Latour e Wollgar (1979), as cisões que operamos ao pensar a modernidade são abstrações que devem ser reconsideradas, sendo um dos principais exemplos a relação entre ciência e arte; ainda para o autor, é importante pensar as relações de forças atuantes nessa dinâmica.

Dito isso, nosso papel não é o de desvelar, tirar a poeira da velha e imutável história das ciências como em movimento retilíneo uniformemente variado. O estudo desta envolve saltos dialéticos, considerações novas acerca do pretérito que talvez não estivessem lá, ou estivessem enquanto potência apenas, e a partir de um dado movimento apresentam um novo leque de possibilidades de interpretação.

A monografia é composta por duas grandes seções, intituladas 'HUMBOLDT E OS QUADROS DA NATUREZA: BIOGRAFIA E ELEMENTOS DA OBRA' e 'MÉTODO E REPRESENTAÇÃO'. A primeira é dividida em três subitens e trata da biografia de Humboldt,

no item 1.1, da literatura sobre ele em geral, no item 1.2 e do conceito de paisagem na geografia e fora dela, assim como uma breve história conceitual, no item 1.3. Já a segunda divide-se em dois subitens, o primeiro tratando da bibliografia específica acerca dos Quadros da Natureza, item 2.1, e a segunda sobre o conceito de paisagem no livro, no item 2.2.

1. HUMBOLDT E OS QUADROS DA NATUREZA: BIOGRAFIA E ELEMENTOS DA OBRA

1.1. Visão geral. O barão e suas conjecturas

Na passagem do século XVIII ao XIX, Alexander Von Humboldt desenvolve suas principais ideias como naturalista e geógrafo, sendo assim amplamente considerado como um dos fundadores da chamada “ciência moderna” e do modo com que hoje vemos e entendemos o mundo que nos cerca (MORAES, [1989] 2002). Humboldt é também reconhecido como um dos pensadores que arquitetou a passagem de uma visão mecanicista para uma visão orgânica do universo, do homem, da natureza e do jeito com que estas se organizam em pensamento, mais baseada no empirismo, racionalidade e cientificidade. Além disso, corroborou amplamente com a construção da ciência geográfica como a conhecemos, com a discussão do que seriam os aspectos centrais da geografia, principalmente da geografia física, debate que segue vivo até os dias de hoje (GABAGLIA, 1954). Há uma ampla discussão acerca da importância real deste homem da ciência, ou de onde ele se encaixaria na história da ciência; o que tentaremos abordar é o fato de que não é possível enquadrar Humboldt em uma única linha de pensamento ou corrente científica e filosófica. Seria interessante olhar para sua obra em sua complexidade e especificidade, sem o intuito de enquadrá-lo em “caixas” únicas, o que nos levaria a simplificá-la.

Nascido a 14 de setembro de 1769 em Berlin, então capital da Prússia, Alexander Von Humboldt teve uma formação clássica, vindo de uma família aristocrática, dividido entre Berlin e a propriedade da família em Tegel, mais afastada da vida urbana. Estudou economia política, administração, ciência matemática, línguas, geologia e engenharia de minas, tudo isso antes da especialização que vemos nas instituições de ensino superior nos dias de hoje, que setoriza as áreas do saber e forma especialistas com um escopo muito mais direcionado de estudo e atuação, passando a ser bastante autônomo na maturidade (MORAES, [1989] 2002). Viajou por parte significativa do globo terrestre, redigiu grandes obras que nos ajudam a pensar o mundo até hoje; dentre elas, as principais e que mais exerceram influência no seu tempo são os ‘Quadros da Natureza’ e seu ‘Cosmos’ (WULF, 2019), que de certa maneira parecem estar esquecidas, juntando poeira em bibliotecas de universidade, com um interesse meramente documental e relacionado à história das ciências voltado a elas. Tentaremos aqui mostrar que, embora haja esse interesse, de fato, sua importância transcende esse horizonte.

Um dos primeiros contatos com a natureza, conceito central no decurso de sua obra, que Humboldt teve foi, já na infância, com as árvores trazidas da América do Norte que jaziam nos amplos jardins e florestas de Tegel (era uma natureza que havia sofrido influência do engenho humano, note-se), onde ele passava muito tempo, a cerca de 5 quilômetros de Berlin. Isso na época do cálculo das latitudes, da invenção do para-raios, de Frederico o Grande e Francis Bacon, onde o homem caminhava num afã de entender e domar a natureza (WULF, 2019); um mundo cada vez mais internacionalizado, industrializado e, pretensamente, esclarecido. Em Londres, a troca de mercadorias com países distantes o fazia pensar no além-mar, desde jovem. Lia com veemência as experiências e relatos dos capitães James Cook e de Louis Antoine de Boudeville na infância, sem contar as histórias de Júlio Verne; isso aliado às suas viagens feitas com seu amigo Georg Foster pela Inglaterra, França e Alemanha, travando contato com a Revolução Francesa e as ideias de liberdade (CAPEL, 1989). Este seu amigo de juventude havia participado da viagem ao mundo de Cook, e das expedições geológicas, na juventude, o que foi basilar para o florescimento em Humboldt do que Wulf chama de *Fernweh*, ou o anseio de viajar, inclinação para conhecer o novo, em oposição ao *Heimweh* (WULF, 2019, 46).

Após sua formação clássica com seu tutor no castelo de Tegel, acompanhada de algumas perturbações no seio da família junto a seu irmão Wilhelm, Alexander vai para Frankfurt Am Oder e depois para Göttingen, importante cidade universitária na Alemanha da época, onde começou sua vida universitária propriamente dita (GABAGLIA, 1954). Lá teve contato com o cientista Johann Friedrich Blumenbach, importante no movimento que questionava o modelo mecanicista de natureza vigente, negando as ideias cartesianas e defendendo uma noção de força vital, ou ‘impulso de formação’ inerente à toda matéria viva. A filosofia natural se transformava em ciência, setorizando-se: biologia, química etc. (CAPEL, 1988). Nesta época, Humboldt se interessou muito pelo ‘galvanismo’, fazendo experimentos com eletricidade animal para entender o que difere a matéria orgânica da inorgânica e tentando entender, como nos lembra Wulf (2019, p.52), o “nó górdio dos processos da vida”. Nota-se desde já que os interesses deste que seria um dos maiores nomes da ciência moderna tomavam feições diversas e diziam respeito a distintas áreas do conhecimento, sempre com o intuito de



FIGURA 1. ALEXANDER VON HUMBOLDT

Fonte: <https://www.linnean.org/news/2019/09/14/alexander-von-humboldt>

entender a razão mesma do ser das coisas. Depois desta fase, Humboldt vai para Freiburg estudar engenharia de minas e torna-se rapidamente inspetor de minas, aos 22 anos de idade apenas, cargo que o permitiria viajar bastante, conhecendo a fundo a geografia desta região. Seus primeiros trabalhos publicados diziam respeito à geologia do Harz e à peculiar flora subterrânea de Freiberg onde, segundo Leda Cartum e Sofia Nestrovski, já havia um ímpeto romântico de entender o que há de intrínseco e subcutâneo no nosso entendimento do mundo, fazendo uma analogia com a estranheza dos musgos encontrados nas minas de Freiberg.

Em 1794, Alexander passa por Jena em visita ao irmão, cidade central para a intelectualidade alemã à época, onde estavam Goethe e Schiller, que publicavam o periódico *Die Hören*, fortemente influenciados pelas ideias de Immanuel Kant e sua revolução copernicana na filosofia (WULF, 2019). Kant, em seu projeto crítico, separa o mundo dos fenômenos e dos *noumena*, entre o que conseguimos apreender com nosso aparato sensível (e transcendental) e a coisa-em-si (*Ding-an-sich*) – que não nos é cognoscível; é um foco no modo como conhecemos os objetos. Não é de nosso interesse nos estender neste tema, por demais complexo, mas o advento do transcendentalismo kantiano, que delimitou outra jurisdição para a metafísica e para as ciências, separando-as e dando as diretrizes para as condições de possibilidade do conhecimento, foi de extrema importância para a formação intelectual da geração de pensadores alemães do tempo de Humboldt. Isso, no entanto, encaminhava uma questão velha e cara da filosofia, entre racionalismo e empirismo: como estabelecer uma relação entre interioridade e exterioridade, conhecendo objetivamente o mundo? O indivíduo e sua experiência passam agora a ter mais voz nessa questão, já que tempo e espaço são construções também, segundo Kant, deste aparato apriorístico, a partir da estética transcendental. O homem então passa a produzir a si mesmo, exercer uma ação autopoiética.

Ao romantismo também foram caras tais considerações; o indivíduo agora, este ‘eu’, tanto em seu desterro e errância, quanto em sua certeza, era o ponto de partida para a compreensão do universo. Nasce sob o signo da liberdade e da subjetividade. A subjetividade passa a ter parte central nesta seara, ditando os modos de apreensão do mundo enquanto parte constitutiva do sujeito e de sua interioridade. Será a inflexão deste ‘eu’ reflexivo frente ao mundo e suas possibilidades que, daí em diante, terá importância no pensamento ocidental e exercerá influência sobre o autor aqui em questão.

Os tratados de óptica escritos por Goethe são lidos por Humboldt nessa época e causam grande influência; a questão de como se dá a percepção do mundo exterior e da natureza, por

meio de nossos sentidos e da razão. Sua obra ‘Viagem à Itália’ (entre outras) também surtirá efeito sobre a sua visão de mundo e apreensão da realidade e do inteligível, mas mais voltada à questão do sensível, do gosto, da paisagem e da arte (GOETHE, 1999); voltaremos a isso mais tarde. É neste contexto de leitura de grandes autores do romantismo alemão que começa a tomar forma o forte cruzamento entre arte e ciência, para Humboldt, que não apenas trava conhecimento com Goethe, mas o frequenta bastante, podiam ser considerados amigos. Não é mais estritamente ao empírico que ele se voltará, mas também à subjetivação da exterioridade, por meio do sentimento e da observação. Lembremos do Newton de William Blake, obra que provém também do movimento romântico e mostra um Newton acorado no fundo do oceano, operando tristemente seus instrumentos; o entusiasmo frente ao empirismo estava tomando outras tonalidades, ou melhor, estava em declínio.

Após a morte de sua mãe, em 1796, com a qual tinha uma relação bastante conturbada, Humboldt decide retomar seu sonho de explorar o que pudesse do globo em vida, e voltar a viajar. Desta vez tem algo maior em mente. Passa por diversas dificuldades neste quesito, tentando conseguir permissão para sua viagem em meio à nobreza. Ao fim e ao cabo, foi sua condição de barão que permitiu que seu destino tomasse o caminho que tomou. Depois de frustrar-se em França para conseguir permissão e fundos para sua viagem, onde travou conhecimento com importantes botânicos e naturalistas nos círculos científicos, entre eles Aimé Bonpland, ele finalmente consegue, então em 1798, meios para sua viagem ao visitar a Espanha, contanto que a pagasse com seus próprios recursos. Henrique IV, em troca de informações sobre a fauna e flora das colônias, concede um passaporte ao alemão (WULF, 2019). A viagem foi planejada como uma grande exploração, exemplar, a fim de compilar dados do meio físico, natural e humano, mas principalmente com o intuito de observar e entender as forças da natureza em sua relação e como elas se dão. Para Humboldt, a tarefa da geografia é estudar a distribuição espacial dos fenômenos na natureza (GABAGLIA, 1954), e é isso que ele explora em suas viagens.

Em junho de 1799, Bonpland e Humboldt partem a bordo do navio *Pizarro* rumo às américas, munidos de todo tipo dos mais modernos instrumentos de medição e aferição. No continente americano passam um total de 5 anos; o decurso da viagem está detalhadamente descrito na *Relation historique du Voyage aux régions équinoxiales du Nouveau Continent*,



FIGURA 2 - ALEXANDER VON HUMBOLDT E AIMÉ BONPLAND NO MONTE CHIMBORAZO, EQUADOR, Friedrich Georg Weitsch, 1806

Fonte: <https://picturingtheamericas.org/painting/alexander-von-humboldt-and-aime-bonpland-near-the-chimborazo-volcano/?lang=pt-pt>

escrito em 1814. Após passarem pelas Ilhas Canárias, atracaram no que hoje chamamos de Venezuela, à época sob o nome de Nova Andaluzia e, depois, foram para Cumaná, também na atual Venezuela. Passaram pelos Llanos – espécie de savana equatoriana da região central da Venezuela –, por Caracas, navegaram o Orinoco e encontraram sua conexão com o Rio Negro e a planície amazônica, o Rio Cassiquare.

Foram depois a Cuba, de onde sua estadia rendeu o *Ensayo político sobre la isla de Cuba* (publicado em 1826), onde critica severamente o sistema colonialista de *plantation* e a escravidão; passaram pela Colômbia e Lima, subiram quase ao topo do Chimborazo, à época considerado como o vulcão mais alto do mundo, passaram pelo planalto de Cajamarca. Fizeram medições de todos os tipos, coletaram centenas de amostras botânicas e geológicas, mapearam áreas nunca mapeadas, calcularam a altitude de um incontável número de montanhas. De lá foram para o México, depois visitaram Thomas Jefferson em Washington. Em 18 de julho de 1804, os dois cientistas embarcam no porto da Filadélfia rumo ao continente europeu (WULF, 2016).

Os Quadros da Natureza, publicados em 1807, foram fruto da experiência dessa viagem. Também houve outras obras que provieram dessa experiência ultramarina, entre elas as que já citamos aqui.

Na sua volta, Humboldt acabou se relacionando entre os círculos intelectuais da *Aufklärung* parisiense e berlinense, tornou-se figura célebre no mundo da ciência, travou contato com os maiores nomes da ciência da época, como Cuvier, Lamarck e Laplace. Passou muito tempo vivendo ‘monotonamente’, com sua fama aumentando. Sentia-se dividido entre Berlim e Paris, gostando muito mais do burburinho da capital francesa, mas de certa maneira preso ao seu país natal por questões de interesse. Mais velho, depois de diversas tentativas, conseguiu com que o Czar autorizasse e bancasse uma expedição à Rússia e à China. Morreu em 1859, em Tegel, após publicar sua obra prima, o *Cosmos*.

Para apreender e organizar o “real” – a experiência do que chamamos de real –, utilizou-se tanto de metodologias e aparatos científicos, quanto de reflexões estéticas, apreensões sensíveis, excursos da imaginação, intuições e especulações, fazendo questão de abarcar o todo, a totalidade dos fenômenos naturais a partir da experiência, fazer a ligação entre o particular e o universal, sujeito e objeto. Sua ambição era a de constituir uma ciência do cosmos. Para tal, inspirou-se no arcabouço trazido pelos românticos em voga na sua época, principalmente da

filosofia idealista alemã (como Kant, Fichte, Novalis, Schelling, Goethe e Schiller) (CAPEL, 1988).

Vale lembrar que a ciência geográfica é fruto de uma revolução burguesa tardia ocorrida na Alemanha, que era uma amálgama de precárias condições materiais aliada a uma espécie de arcaísmo generalizado, assim como avanços incríveis no campo da ideia. Um país cindido, dividido em sua geografia política, onde as relações capitalistas adentraram muito antes de uma unificação ou reestruturação, e que em pouco tempo transformou-se no maior parque industrial da Europa (MORAES, [1989] 2002), sendo a elite agrária feudal, pré-capitalista, quem se manteve no poder durante o avanço do capitalismo na Alemanha, mantendo uma estrutura fundiária pretérita ao mesmo tempo que modernizava-se na economia. Segundo Moraes, foram estas circunstâncias que criaram as condições para a formação da geografia na Alemanha, esta necessidade de unificação territorial, assim como o impulso pela coesão social fomentou a gênese da sociologia na França (MORAES, 1981).¹

Humboldt, todavia, estava mais próximo de ser tanto um homem de ação como de pensamento, embora de fato seja perceptível o distanciamento dele em relação à política, de modo a naturalizar, muitas vezes, o homem. Pode-se dizer que Humboldt foi um dos últimos – ou quiçá o último – autor “enciclopédico” alemão. Suas contribuições tiveram amplo valor para o que hoje chamamos de biologia, geologia, geografia, ecologia, estética, botânica, a lista é longa. Sua proposta era a de pensar a física do globo, e via a geografia com uma ciência de diferenciação do espaço, da corologia sistematizada; ou seja, tentava entender o que faz de uma praia uma praia, e não uma estepe ou montanha – o que será retomado, principalmente pela escola anglo-saxã de geografia- (MORAES, [1989] 2002). Como falar do espaço tanto em sua generalidade quanto em sua particularidade, concomitantemente, esses eram seus interesses. A ideia de forma, em Humboldt, é central para que a razão dê conta dos fenômenos naturais (VITTE, 2010), baseado numa ideia morfológica do espaço, numa tentativa de abarcar e

¹ Vêm da chamada “miséria alemã” a imagem da desproporção entre corpo e cabeça, de que falam Marx e Engels na Ideologia Alemã e que renderá a imagem das meninges inflamadas de Adrian Leverkün no Doutor Fausto de Thomas Mann. Como aponta Paulo Arantes (1995), no seu Ressentimento da Dialética, o atraso alemão aliado à uma separação dos campos intelectual e político na sociedade fez com que a sua intelectualidade se voltasse para pensar a fundo o universo, a questão da *Physis*, criando assim uma nação quimérica. “Desse *désœuvrement* [acrescenta Arantes] de vanguarda, um observador criterioso e divertido da cena alemã deu a fórmula exata: “*celui qui ne s'occupe pas de l'univers, en Allemagne, n'a vraiment rien à faire*”. A ausência de carreira política não era portanto funesta apenas para as “massas”. Dela também padeciam os melhores das classes ditas instruídas, desde que, variando a angulação, passemos a considerar com naturalidade a expectativa de influência política por parte dos intelectuais. “Homens destinados à ação precisavam se calar ou definhar, ou então tomar-se simples utopistas jogando com audaciosas possibilidades de pensamento; homens que, do outro lado do Reno, teriam se tornado heróis trágicos, aqui só puderam viver o seu destino na poesia”.

ultrapassar a querela entre o objetivo e o subjetivo. Aí a paisagem entra enquanto categoria de análise da natureza em sua espacialidade. A filosofia natural torna-se ciência, nesta época, e Humboldt é um dos operadores desta “virada epistêmica”. Havia um movimento tanto romântico quanto iluminista, tanto racionalista quanto irracionalista em suas investigações e estudos; entre as *Naturwissenschaften* e as *Geisteswissenschaften* se encontrava o horizonte de estudo de nosso geógrafo (MORAES, [1989] 2002).

Nos parece importante frisar a relação traçada entre Humboldt e Fausto, tratada por Goethe, que se inspirou na figura do Barão, onde há uma inexorável busca pelo conhecimento e uma fé na totalidade e mistério da natureza, assim como a vontade de perscrutar os mistérios do real, da matéria, radicada na visão do indivíduo, do *Homo Dei*. Este impulso está muito ligado ao que chamamos de ‘moderno’ por excelência, que na obra magna de Goethe está ligada ao que ele chama de ‘tragédia do conhecimento’, juntando simbólica e tragicamente o princípio da subjetividade à vontade de universalidade, o domínio do homem sobre a natureza à sua condição objetual. A publicação do Fausto I, vale lembrar, se deu no mesmo ano da publicação dos Quadros da Natureza.

Publicada em 1807 pela primeira vez em Berlin, sob o título ‘*Ansichten der Natur*’, a obra sobre a qual aqui nos detivemos mais detalhadamente reúne textos científicos, compilação de dados, palestras realizadas em Berlim, descrições minuciosas e de certo modo livres, talvez ensaísticas no que diz respeito à forma, do que ele havia visto no assim chamado ‘novo continente’. De certa maneira Humboldt isola os elementos naturais no livro, levando em consideração principalmente a paisagem natural. Humboldt inaugurou uma forma nova ao lançar os *Quadros*, juntando literatura e ciência, aproximando o público de suas investigações, falando não apenas de aspectos técnicos de suas investigações acerca da natureza, mas da impressão que essa nos causa, do ‘gosto’ da Natureza. O livro foi um sucesso generalizado, sendo rapidamente traduzido para o francês e para o inglês, atraindo o interesse de leitores de todo tipo, numa época em que as ciências se popularizavam. É uma prosa leve, solta e cativante, poética, que traz elementos da sensibilidade comum a todos nós no contato com a natureza. Como mostra um dos estudiosos desta obra,

Em Quadros da natureza, Humboldt evocou a sossegada solidão dos cumes andinos e a fertilidade da floresta tropical úmida, bem como a magia de uma chuva de meteoros e o horripilante espetáculo da captura de enguias-elétricas nos Llanos. Humboldt escreveu sobre o “ventre incandescente da Terra” e “barrancos adornados com joias”. No livro, um deserto tornou-se um “mar de areias”, folhas desfraldavam-se para “saudar o sol nascente” e primatas

enchiam a selva com “bramidos melancólicos”. Nas brumas das corredeiras do Orinoco, arco-íris dançavam numa brincadeira de esconde-esconde – “magia óptica”, como ele definiu. Humboldt criou vinhetas poéticas quando escreveu sobre estranhos insetos que “despejavam sua vermelha luz fosfórica sobre o chão coberto de ervas, que luzia em brasa com fogo vivo como se o dossel estrelado do céu tivesse afundado sobre a relva”. (WULF, 2019, p. 200)

Ao que nos parece — e segundo suas próprias palavras — eu intuito era abarcar o todo e as partes, perscrutar o que há de mais fundamental no que chamamos de mundo natural, assim como medir exaustivamente elementos do meio físico (principalmente) e antrópico de um local tido como inexplorado, fora do alcance dos estudos pretéritos feitos pelo homem ocidental. Para tanto, valeu-se “sem escrúpulos” da linguagem poética. Trabalhando ao lado de outros cientistas, esta foi a primeira grande viagem de exploração, herdeira da ilustração e da ânsia de conhecer o mundo presentes na Europa do século XVIII, influenciando figuras importantíssimas para a ciência moderna, como Charles Darwin (WULF, 2019).

A edição do livro *Quadros da Natureza* que utilizamos é a da Clássicos Jackson, de 1952, com tradução de Assis Carvalho, dividida em dois volumes, e apresentando 692 páginas. Trata-se da tradução da edição de 1808, uma das muitas edições dos *Quadros* que Humboldt lançou em vida. A obra é dividida em 7 grandes partes (ou “livros”). Os dois primeiros livros tratam de aspectos gerais das áreas visitadas, isto é, quadros da paisagem terrestre. Intitulados ‘Estepes e Desertos’ e ‘Cataratas do Orenoco’, são os mais extensos da obra, tratando de uma miríade de assuntos, regiões do globo e fenômenos. Serão os livros estudados mais detidamente na presente monografia, por tratarem mais especificamente da interpretação da paisagem e da sua relação com os fenômenos geográficos e leis da natureza.

Os livros 3 e 4 são de História Natural, sendo eles ‘Vida noturna dos animais da floresta do Novo Mundo’ e ‘Da fisionomia das plantas’. O primeiro deles tem uma estrutura bastante livre, quase ensaística, onde Humboldt trata de discorrer sobre a relação entre a linguagem e o chamado sentimento da natureza, de como há uma riqueza infindável nessa relação que, em cada sociedade cria seu léxico particular para descrever a natureza e sua verdade. “A investigação constante dessa verdade é o fim de toda descrição que tem por objeto a natureza” (HUMBOLDT, 1954[1808], p.260), sendo que o observador deve narrar, singelamente, o que viu. É o que Humboldt tenta fazer, detendo-se diretamente na descrição dos sons e acontecimentos noturnos em meio à selva. Pergunta aos índios acerca dos barulhos noturnos da floresta respondem que são decorrentes do festejo dos animais por conta da lua cheia. Já Humboldt vê um combate travado por causalidade. ‘Da fisionomia das Plantas’ é uma espécie

de tratado de botânica, de geografia das plantas e do que ele chama de Fitologia Geral. Traçando uma relação entre geografia das plantas e composição da paisagem, Humboldt adentra nas particularidades de diversos grupos de plantas, fala de sua distribuição pelo globo, das semelhanças evolutivas em espécies distantes geograficamente, tenta buscar explicações para esses fenômenos, padrões distributivos. “O homem, que sabe abraçar a natureza num só olhar e fazer abstração dos fenômenos particulares” (HUMBOLDT, 1954[1808], p.283). Uma discussão sobre o conceito de vida aparece aqui, ligada à proporção e unidade da natureza, ao conceito de organismo.

O livro 5 intitula-se ‘Estrutura e modo de ação dos vulcões nas diversas regiões da terra’. Humboldt afirma aqui que há uma racionalidade que envolve tais processos e alegra o geólogo, como por exemplo a relação dos Andes e dos Alpes. Podemos, então, observar leis que servem tanto na Suécia quanto no Equador. A geologia apresenta certa independência dos fenômenos vegetais, que são mais específicos a cada lugar. Fala da construção coletiva da história natural a partir das expedições e aplica isso aos fenômenos vulcânicos. Define vulcão e evento vulcânico, fala da necessidade de estender os estudos para além do Vesúvio e do Etna. Busca a gênese dos fenômenos de vulcanismo a partir de evidências inscritas no meio físico e na paisagem.

No livro 6, de nome ‘A Força Vital ou Gênio Ródio’, mostra seu humanismo, fala da doutrina Pitagórica e de Epicarmo, tratando do conceito de Natureza (GABAGLIA, 1954). Tratando da Força Vital, a unidade por trás das coisas e da Natureza, ambos plasmados no mito do Gênio Ródio. No organismo tudo é fim e meio, Humboldt afirma.

Por último, o sétimo livro toma o nome de ‘A Planície de Cajamarca, antiga residência do Inca Atahualpa’.

Neste contexto, como já mencionado, nossa intenção é aprimorar estes primeiros esforços de verificação e leitura, e compreender a relevância do conceito de Paisagem na argumentação do autor e no desenvolvimento da obra, levando em conta sua ideia de natureza e ciência, assim como identificar a frequência com que este conceito é utilizado no texto (e eventualmente, com que intuito).

Feita esta contextualização, reiteramos a problemática principal de nossa investigação, do *corpus* do texto: de que forma aparece e é operado o conceito de “Paisagem” nos ‘Quadros da Natureza’ de Humboldt? É possível identificar na obra como é definido pelo autor este

conceito? Quais são as referências principais que Humboldt utiliza ao mobilizar este conceito? Estas são perguntas que nortearão nossa investigação.

1.2. Literatura sobre o autor e sua obra

Em relação ao que podemos chamar de aspectos mais gerais da obra de Humboldt, nos elucidaram algumas questões os três primeiros autores que aqui citaremos: Paul Claval ([1964]1974), Horácio Capel (1988) e Antônio Carlos Robert Moraes ([1989] 2002). Em sua obra *Evolução da Geografia Humana*, Paul Claval ([1964]1974) defende uma postura mais conservadora, de corroborar com uma ideia de que a geografia é uma ciência de síntese, e que deve-se advogar pela variedade de formas de apreensão dos problemas espaciais pelo homem. Segundo o autor, Humboldt defendia uma geografia que visava o encontro do particular e do universal, isso foi de certo modo esquecido nas formulações posteriores da ciência geográfica. Parte de sua proposta é expor ampla bibliografia a respeito do tema, tratando da relação intrínseca entre história da geografia como conhecimento do globo, desenvolvimento dos métodos de representação deste conhecimento propriamente dito (cartografia) e o próprio pensamento geográfico.

O autor nos ajuda a ter uma ampla visão da história da geografia e a pensar suas vicissitudes e vastidão de concepções teóricas e conceituais. Um panorama da inteireza desta ciência que, a partir de Humboldt, nos propusemos a pensar. Na sua visão, a obra humboldtiana é um passo muito inicial ainda na ciência geográfica (CLAVAl, [1964] 1974).

Já Horácio Capel (1988), em sua célebre obra *Filosofia e Ciência na Geografia Contemporânea*, faz uma retrospectiva dos “descaminhos” da ciência geográfica, em relação à história da filosofia, a partir de sua gênese, com os autores Alexander Von Humboldt e Karl Ritter, no século XVIII. O autor também analisa a escola francesa, a anglo-saxã, a virada positivista pela qual a geografia passou, assim como das respostas críticas a essa inflexão.

No primeiro capítulo, que nos interessa mais de perto nesta monografia, o autor mostra a importância de Humboldt na passagem do conhecimento pré-científico ao nomotético, do seu método comparativo e de sua perspectiva histórica. Trata extensamente de sua biografia e da relação dela com suas formulações posteriores, assim como sua rede de influências, que era bastante ampla.

Ainda segundo Capel (1988), Humboldt queria, a partir da observação detalhada, encontrar as causas genéticas comuns de formas, padrões e processos que formam a terra; a

geografia se preocuparia tanto com o *Sein* quanto com o *Werden* (ser e tornar-se), e Humboldt via a ciência como interpretação racional, espírito aplicado à natureza, perpassando nossa inteligência, nossa percepção do mundo sensível. Capel (*op. cit.*) defende então que Humboldt representa exatamente essa “virada”, sendo sua obra constituída tanto de elementos do que hoje chamamos por “científicos”, tanto por outros de outras esferas dos saberes / práticas ligadas ao intelecto humano, mas defendendo que ainda é uma ciência em formação que se apresenta na obra do alemão, sendo um feito isolado, pretérito ao desenvolvimento da geografia propriamente dita.

Outra obra importante que fez parte de nossa revisão bibliográfica inicial foi *A Gênese da Geografia Moderna*, de Antonio Carlos Robert Moraes ([1989] 2002). Dividido em três grandes partes, a primeira foca no horizonte histórico-social da Alemanha, principalmente naquilo que diz respeito ao contexto de sua unificação nos séculos XVIII e XIX. O argumento do autor trata ainda da questão da genealogia mesma da geografia e, mais especificamente, da escola saxã. O autor afirma que há uma correlação entre a história das ideias e o desenvolvimento histórico-material (MORAES, *op.cit.*), estudando assim a questão do pensamento geográfico em relação às condições materiais e horizontes políticos na Alemanha, sendo a questão do espaço em abstrato pensada pelos pais fundadores da geografia, Humboldt e Ritter (neste contexto de unificação dos estados germânicos, onde precisava-se de um embasamento teórico e quase que ontológico para se pensar as questões alemãs)².

A segunda parte do livro volta-se mais para obra de Humboldt propriamente dita, fazendo uma retrospectiva das interpretações que a geografia fez da obra humboldtiana e também atualizando-as (MORAES, [1989] 2002). Abordando as diferenças entre a geografia de Kant e a de Humboldt, o autor trata da influência francesa em Humboldt, que criticava o empirismo exacerbado e distanciava-se (não absolutamente) do caráter abstrato do pensamento alemão de seu tempo, se colocando entre empirismo e especulação, relação matizada pela convivência entre pesquisa empírica e reflexão filosófica. Para o autor, Humboldt se afasta tanto de um “sensualismo que nada vê atrás dos fatos como de uma metafísica que vive das quimeras” (MORAES, [1989] 2002, 81), e se coloca entre a racionalidade iluminista e a irracionalidade romântica. As ideias de “força vital da natureza”, “caráter progressivo do conhecimento” e “inesgotabilidade do real” aparecem na obra de Humboldt, que via uma objetividade racional no mundo exterior e na natureza, e uma correspondência entre

² Ainda segundo Moraes ([1989] 2002), a questão do Estado será posta em outros termos, com Ratzel, ideólogo do Bismarckismo e da expansão imperialista, e será criada a geografia institucionalizada que conhecemos, pensando as questões do Estado e do poder.

levantamento e elaboração, influenciado pelo idealismo alemão. Acreditando haver uma primazia da intuição no processo cognitivo, Humboldt aproxima-se dos métodos indutivo e comparativo, e abre o caminho para a ciência moderna. Isso constitui a corografia na sua obra, ao tentar sintetizar o diverso e o único (MORAES, op. cit.), o particular e o universal. O autor ao final se pergunta até onde faz sentido esta cadeia de apreensão do mundo objetivo que Humboldt faz, e o que devemos depreender dela, como devemos tomá-la nos dias de hoje.

No que diz respeito especificamente ao livro *Quadros da Natureza*, outro trabalho que investigamos foi a dissertação de mestrado de Francisco Bahia Lopes, intitulada ‘A Violência da Paisagem’. Lopes (2016) faz um esforço de leitura e interpretação dos capítulos iniciais do *Quadros da Natureza*, procurando identificar as inspirações do autor, e apontar o que Humboldt não desenvolve em seus escritos, o que está velado em sua obra. Neste sentido, dá destaque à dura realidade de uma América colonizada, com sua economia voltada para um sistema agrário exportador e escravista de *plantation*, visando apenas o lucro em benefício da Metrópole, seja ela o Reino de Espanha, França, Portugal ou Inglaterra. Humboldt também não olha para as milhões de vidas indígenas assassinadas e vilipendiadas, apenas vê um ideal de Natureza no qual ele enxerta suas observações e relatos de viagem, assim como suas teorias (LOPES, 2016).

Perscrutando as principais influências de Humboldt e as tendências da ciência e da filosofia à época, o autor registra um interessante panorama para tentar entender o método descritivo do geógrafo prussiano.

Também nesta direção olhamos para Lúcia Ricotta (2000), que afirma em seu texto “A Paisagem em Humboldt” – publicado na Revista USP – que Humboldt utiliza a representação literária, mimética e sensível como complemento e adição à linguagem e atitude científicas, num ímpeto de se aproximar do senso de natureza, de colocar o leitor à frente do objeto que se descreve. Para a autora, trata-se de uma apresentação viva disso que os *Quadros da Natureza* fazem, ou tentam fazer. Ricotta (2000) põe em questão a realidade objetiva, a descrição físico-espacial a partir da linguagem.

Para a autora, o tema central da argumentação de Humboldt seria a imagem, a espacialização da sensação e do gosto na paisagem, que pode ser resumida no tríptico “ver, conhecer, representar”. Para entender mais sistematicamente a obra de Humboldt, a autora se pergunta: como representar a realidade objetiva? Haveria para ela na obra de Humboldt uma diferenciação entre paisagem ideal – que já está dada –, e paisagem representada, e o autor teria o intuito de fazer essa representação o mais fielmente possível, se utilizando, para tal, do elemento subjetivo, porém conjugado à objetividade do método científico, interseccionando os modelos científicos da descrição e da especulação. A descrição seria assim tanto uma forma

teórico-explicativa de conhecer o mundo, quanto uma forma de ver e representar pictoricamente a imagem visual; em outros termos, seria um "descobrimento", uma atenção ao fenômeno como ele aparece e deveria aparecer (RICOTTA, 2000). Haveria assim um movimento que busca conciliar a aparência e seu significado ideal, questão da representação pictórica. Não haveria, então, contradição em Humboldt; há paisagem e paisagem ideal.³

1.3. O conceito de paisagem. Gênese e desdobramentos

Após estas considerações sobre o contexto da produção intelectual de Humboldt, e de seus Quadros, intentamos neste item do trabalho trabalhar de forma mais sistemática o conceito de paisagem, visando a posterior identificação de como o termo aparece na obra do autor.

Em primeiro lugar, nos parece importante lembrar que ‘paisagem’ é um termo polissêmico, utilizado tanto no âmbito do senso comum, quanto no arcabouço teórico de diversas ciências, há muito tempo. É, então, tanto um termo do vocabulário mundano, como um conceito científico interdisciplinar. Sua história dentro da geografia é longa. Todavia, o conceito de paisagem não tem sua gênese nas ciências, data de tempos pretéritos à ciência moderna, é um daqueles conceitos que utilizamos diariamente, que nos acompanham sem pensarmos de fato no seu significado e, muitas vezes, no que queremos dizer com ele. Isso nos remete ao que Carl Sauer se refere quando fala da geografia como sendo uma ‘seção ingênua da realidade’ (SAUER 1925[1998]), ou seja, a paisagem, um dos conceitos-chave desta ciência, remete a um universo comum a todos, assim como espaço, território, lugar, região, etc.

Na época do Renascimento a paisagem era entendida como uma porção de espaço que pode ser abarcada de uma vez só (FERNANDES e TORRES, 2021), com apenas um golpe de vista. Esta percepção passa pelos sentidos, não apenas pela visão, e é única a cada um que experiencia a paisagem. Espaço este que aglutina tanto elementos materiais, quanto imateriais, que podem ser apreendidos cenicamente, por meio da visão. Podemos dizer que esta concepção segue em voga até hoje, no entanto o conceito complexificou-se, ganhou outras corporeidades.

³ Ainda segundo a autora, o olhar organizaria o que o cientista compreende do real, real este que passa pelo quadro, devém da paisagem. Há uma relação entre representação pictórica em *quadro* e *representação cartográfica*. O intuito era descrever e apresentar o novo, a visão de um estrangeiro do Novo Mundo. “Em Humboldt existe uma simultaneidade entre duas formas de conhecer – que, por sua vez, se desdobram na dupla disposição do olhar. Aquela que é resultado da experiência visual do viajante e aquela cuja dedução de uma lei, a partir do dado observado, pressupõe um conhecimento prévio à aparência, esquecendo “a natureza singular dos caracteres” (RICOTTA, 2000, p.106). Entre Goethe, Kant e Schelling, Humboldt ajuda a desenvolver um conceito de espacialidade; para a autora, este é um dos seus maiores legados à ciência e à cultura ocidentais.

A história da paisagem evoluiu, portanto, paralelamente ao desenvolvimento do olhar e da percepção, que está intimamente ligado ao tempo histórico e suas formas de expressão e, assim como da arte, da representação pictórica. Como indicam Fernandes e Torres (2021), o conceito de paisagem faz parte da representação e conhecimento do território com finalidades políticas e militares, tendo sido importante na formação e reconhecimento dos Estados nacionais.

Segundo o *Dictionnaire Critique*, publicado por Roger Brunet, Roger Ferras e Robert Hervé (BRUNET et al, 1992) o termo deriva do italiano *Paesaggio*, e pode ser assim definido:

Um arranjo de objetos visíveis percebido por um sujeito através dos seus próprios filtros, seus próprios humores, seus próprios fins: ‘Se um conjunto de árvores, de montanhas, de águas e de casas, que chamamos de paisagem é belo, não é por conta dele mesmo, mas de mim.’ (Baudelaire, *Curiosités Esthétiques*). A paisagem não é mais do que o percebido. Alguns desses elementos não esperaram a humanidade para existir, mas eles compõem uma paisagem, é a condição de que os olhemos. Só a representação os faz paisagem.⁴ (Tradução do autor)

Brunet et al (1992) afirmam, portanto, que a paisagem é condicionada pela representação, mais adiante acrescentando que esse é o motivo pelo qual a paisagem não deve ser a categoria de análise fundamental da geografia; neste sentido, não poderíamos confundir a paisagem com os objetos materiais que a compõem.

Se pensarmos no advento do uso da perspectiva na história da arte, por exemplo, as mudanças que ocorrem na representação da paisagem são substanciais, considerando a matematização da representação paisagística, racionalidade e progressiva precisão e técnica; haviam escolas de pintura de paisagem na Holanda renascentista, onde se lecionava apenas com essa finalidade, com o intuito de representar-se os aspectos físicos de uma região, características culturais de uma população ou até representando passagens bíblicas em meio a ambientes mundanos e populares; este seria o caso, por exemplo, de Pieter Bruegel, com suas paisagens vistas de cima que abrangem uma área ampla; este pintor seria bastante distinto das virgens do *quattrocento*, durante o que poderíamos chamar de processo de laicização da paisagem na arte, mas ainda não tão técnico como um Hackert.

Há uma diferença entre o início da percepção dos fenômenos geográficos na história humana e a Geografia propriamente dita enquanto ciência, o que não quer dizer que não existam

⁴ ‘un arrangement d’objets visibles perçu par un sujet à travers ses propres filtres, ses propres humeurs, ses propres fins: ‘Si un tel assemblage d’arbres, de montagnes, d’eaux et des maisons, que nous appelons un paysage est beau, ce n’est pas par lui-même, mais par moi’ (Baudelaire, *Curiosités Esthétiques*). Il n’est de paysage que perçu. Certains de ses éléments n’ont pas attendu l’humanité pour exister, mais ils composent un paysage, c’est la condition qu’on les regarde. Seule la représentation les fait Paysage’. (BRUNET et al, 1992).

confluências entre ambas, ou que não sejam fruto das mesmas inquietações. Na etimologia do termo ‘paisagem’ vemos bastante variação, entre *Landscape*, *Landschaft*, *Paysage*, adotando também diferentes sentidos no decorrer do tempo, e não sendo fruto da discussão geográfica propriamente dita. O termo alemão *Landschaft* carrega tanto um sentido de originalidade e profundidade romântica quanto o seu sentido mais racionalista, assim como a relação com a terra e o povo, o engenho humano. Em Humboldt vemos justamente este cruzamento que, à primeira vista aparenta ser bastante paradoxal (e de fato o é); olharemos mais detidamente isso no próximo item. Ainda segundo Fernandes e Torres (2012, 18),

A *Landschaft* alemã – fruto de uma riquíssima confluência entre as ciências modernas e uma pujante filosofia (romantismo) que buscava nos poderes originais do solo uma entidade poética nas paisagens, um espírito, algo como o Gênio Ródio de Humboldt (1952-53) – não é a mesma que a *landscape* inglesa, que mesmo mais próxima da *paysage* francesa se expressa em peculiaridades diferentes.

Os elementos pré-científicos aparecem retrabalhados no que pode se chamar de primórdios da moderna ciência, fazem parte de sua formação. A ideia de *paysage* francesa deve seu prestígio acadêmico em grande parte à escola geográfica francesa de Vidal de La Blache, que via a *paysage* e a região (*contreé*) como sinônimos e representantes da constituição dos diferentes gêneros de vida, sendo a tarefa da geografia interpretar o nexo causal entre os conjuntos de traços que compõem a fisionomia de uma região e de seus habitantes. A paisagem toma, aí, uma roupagem de pura materialidade. Não deixa de ser um elemento de síntese entre o todo e suas partes, mas é bastante fixa. A tradição das monografias na geografia tem, portanto, uma forte influência de La Blache e do método por ele criado.

Já o *Human Geography Dictionary* (Ron Martin et al, 2009) nos traz uma definição mais contemporânea do termo:

O antigo termo holandês *landskab* e o germânico *landschft*, ambos conotam noções legais e administrativas de comunidade região e jurisdição: paisagem como unidade administrativa costumeira. *Landschaft* também foi o termo adotado pelo geógrafo americano Carl Sauer (1963b [1925]) na sua importante monografia *A Morfologia da paisagem*. (MARTIN et al, 2009, 428, tradução do autor⁵)

Para o geógrafo americano Carl Sauer (1925[1998]), a paisagem divide-se entre paisagem natural e paisagem humana, sendo a paisagem fruto de interações entre a cultura

⁵ the Old Dutch *landskab* and the Germanic *landschft* both also connote legal and administrative notions of community, region and jurisdiction: landscape as customary administrative unit. *Landschaft* was also the term adopted by American geographer Carl Ortwin Sauer (1963b [1925]) in his seminal monograph *The morphology of landscape*. (MARTIN et al, 2009, 428).

humana e o meio, sendo a cultura o agente, a área natural o meio, e a paisagem cultural o resultado. Assim sendo, a reconstrução da paisagem cultural, essa mistura de elementos antrópicos e naturais, por meio do estudo de campo, é o método dessa proposta de geografia, de maneira fenomenológica. A paisagem – ou área, que para Sauer eram sinônimos – têm tanto seu momento de objetividade, na presença dos objetos da paisagem, quanto de subjetividade, na percepção e representação deles pelos sujeitos.

“A literatura da geografia em termos de corologia começa com as sagas e os mitos antigos, lembrados em relação ao sentido de lugar e à luta do homem contra a natureza.”, diz Sauer ([1925] 1998, 13), num movimento que engloba a paisagem como sendo o principal campo de análise da geografia, desde os seus primórdios e sua pré-história. *Hic et Ubique* (Aqui e em todos os lugares) é, para ele, o mote da geografia, juntando tendência à universalidade e corologia, o que, na paisagem, tem sua realização na experiência. O artigo *Morfologia da Paisagem* é, portanto, uma obra central para entendermos a gênese e o desenvolvimento do conceito de paisagem, tendo servido de base para a geografia cultural americana por muito tempo.

Richard Hartshorne, ainda segundo Ron Martin et al (2009), critica ambas as perspectivas de paisagem, objetiva e subjetiva, no seu *The Nature of Geography*, argumentando que o termo não pode constituir uma base científica estável para a geografia. Divide, então, a geografia em duas áreas distintas, nomotética e idiográfica, compondo assim um ciência não-sistemática de estudo da diferenciação de áreas, tendo se inspirando também em Jean Brunhes (MORAES, [1989] 2002). Nos anos subsequentes, décadas de 1980 e 1990, surgiram inovações a partir das correntes marxista e da chamada *cultural turn* americana em relação à conceituação da paisagem, focando na crítica da ideologia inerente à construção de imagens paisagísticas e modos de ver o mundo aliadas aos interesses das elites detentoras dos meios de produção.

Segundo Milton Santos (1998 [2014]), a paisagem também tem esse sentido de percepção da realidade por meio dos sentidos, particular à experiência de cada indivíduo. Todavia, segundo o autor,

Nossa tarefa é a de ultrapassar a paisagem como aspecto para chegar ao seu significado. A percepção não é ainda o conhecimento, que depende de sua interpretação, e esta será tanto mais válida quanto mais limitarmos o risco de tomar por verdadeiro o que é só aparência.

Já houve tempo em que, para muitos, a geografia teria como objeto o estudo da paisagem. Mas Sorre introduzia uma ressalva, distinguindo o fenômeno geográfico de sua mera expressão corpórea. Dizia o grande mestre francês que o geógrafo devia utilizar, em sua descrição, “a noção capital de complexo geográfico local, cuja expressão concreta é a paisagem”. E acrescentava: eis o verdadeiro dado geográfico” (Megale, 1984, p.124), como se quisesse

mostrar o interesse de alcançar a essência do acontecer geográfico. (SANTOS, [1998] 2014, 69)

Em Humboldt já havia esse intuito de achar o fio condutor que conectava o nexo dos fenômenos geográficos, no caso expressos como sendo constituintes das leis da natureza.

Santos (*op. cit.*) segue seu raciocínio, mencionando a relação entre paisagem e produção do espaço, de como os diferentes modos de produção criam diferentes paisagens em função da produção. As forças produtivas transformam o meio natural, criando um conjunto heterogêneo de elementos naturais e culturais. Com o decorrer da história, diferentes modos de produção e instrumentos de trabalho moldam e transformam a paisagem, sobrepondo diferentes temporalidades na formação desta ordem do possível, e cada vez mais esses instrumentos são complexos e extensões da terra, mais do que do homem, aprofundando o processo de transformação do meio (Santos, 1998[2014]).

Antonio Carlos Robert Moraes, abre sua obra *Geografia: Pequena História Crítica* (MORAES, 1981) com considerações acerca das diferentes perspectivas adotadas pela geografia quanto a seu objeto central de análise. Ele as divide em seis: 1. uma corrente que enxerga a geografia como ciência que estuda a superfície terrestre; 2. outra que a vê como estudo da paisagem; 3. uma que olha para a especificidade dos lugares; 4. uma outra que olha para a diferenciação de áreas; 5. uma que preza pelo estudo do espaço; e, por último, 6. uma que vê a geografia como o estudo da relação entre homem e meio. (MORAES, 1981). É claro que estas perspectivas misturam-se, acabam sendo incrementadas uma pela outra, relacionando-se.

Tratando da segunda corrente, Moraes (1981, 4) mostra que

A paisagem, posta como objeto específico da Geografia, é vista como uma associação de múltiplos fenômenos, o que mantém a concepção de ciência de síntese, que trabalha com dados de todas as demais ciências. Esta perspectiva apresenta duas variantes, para a apreensão da paisagem: uma, mantendo a tônica descritiva, se determinaria na enumeração dos elementos presentes e na discussão das formas – daí ser denominada de morfológica. A outra, se preocuparia mais com a relação entre os elementos e com a dinâmica destes, apontando para um estudo de fisiologia, isto é, do funcionamento da paisagem. A perspectiva da morfologia apresenta, em sua gênese, fundamentos oriundos da Estética: o capítulo inicial da obra de Humboldt *Cosmos* se intitula “Dos graus de prazer que a contemplação da natureza pode oferecer”, e um dos autores aí mais citados não é o filósofo ou cientista, mas o literato Goethe. Caberia observar o horizonte abarcado pela visão do investigador, e desta contemplação adviria a explicação. Daí a grande valorização da intuição, nos procedimentos de análise propostos por esta perspectiva, dela decorrendo uma considerável carga irracional no pensamento geográfico. A perspectiva da fisiologia da paisagem seria um organismo, com funções vitais e com elementos que interagem. À geografia

caberia buscar estas inter-relações entre fenômenos de qualidades distintas que coabitam numa determinada porção do espaço terrestre. Esta perspectiva introduz a Ecologia no domínio geográfico.

Em Humboldt, podemos dizer que haja uma perspectiva tanto morfológica quanto fisiológica no jeito que ele vê a paisagem. Vemos também uma noção de paisagem bastante voltada para a ideia de paisagem natural, muitas vezes deixando de lado seus elementos antrópicos, É o que faz Francisco Bahia Lopes (2016) relacionar a ideia do geógrafo britânico Denis Cosgrove, de paisagem como ideologia, instrumentalização da transformação da terra em valor de troca, com a suposta paisagem natural que observamos em Humboldt.

2. MÉTODO E REPRESENTAÇÃO

2.1. O conceito de paisagem em Humboldt, breve apresentação da fortuna crítica

Após esta apresentação de diferentes conceitos de paisagem na história “recente” da geografia humana, nossa investigação fez um esforço para identificar e comentar os estudos que dizem respeito mais especificamente ao conceito de Paisagem em Humboldt. Antonio Carlos Vitte e Roberison Silveira (2010), em seu texto ‘A Paisagem em Alexander Von Humboldt’, se apoiam no conceito de ‘medium de reflexão’, discutido por Walter Benjamin no artigo “O conceito de crítica de arte no romantismo alemão”, para tratar da relação entre a subjetividade romântica e a metodologia humboldtiana. Distanciando-se de uma concepção mecanicista de natureza, Humboldt utiliza-se das noções reflexivas e discursivas que partem de Schlegel e Novalis, juntamente com uma ideia de intuição da natureza como parte do conhecimento. Humboldt queria resolver problemas filosóficos de uma época de mudanças a partir de uma sensibilidade romântica para além de uma ciência racionalista, discutindo a questão da unidade(organismo) e da síntese entre contrários para a compreensão de uma realidade em transformação, com atenção à reflexão e à relação entre homem e natureza, ambos elementos centrais do chamado romantismo alemão. Os autores apontam que a reflexão é tida como desdobramento do pensamento sobre si mesmo, para Walter Benjamin; essa é a principal característica dos românticos, que traz a imediatez do conhecimento e a infinitude de seu processo; os autores frisam isto como sendo central para entendermos o contexto no qual Humboldt se insere (VITTE e SILVEIRA, 2010).

A questão da imediatez do pensamento faz com que os românticos adentrem no absoluto, no autoconhecer-se do sujeito que incorpora o objeto a si mesmo no processo de experienciar e vivenciar o mundo. O *continuum* da forma no primeiro romantismo alemão, desdobramento da forma sobre si mesma, é importante para compreendermos como, a partir da perspectiva de organismo e unidade, Humboldt pensa o mundo.

A metodologia descritiva de Humboldt se relaciona de maneira geral com este panorama, e nos dá algumas chaves de interpretação para pensarmos como o autor mobiliza o conceito de “paisagem”; em Humboldt, este conceito apresentaria dois sentidos principais, segundo Silveira e Vitte (2010, 10):

Por um lado, no reconhecimento de uma forma que se apresenta objetivamente, que dá feição particular às diferentes regiões da Terra, Humboldt se vale de uma representação fisionômica da paisagem, quer dizer, representa com suas descrições e formas de representação o conteúdo da cena, suas feições, sua particularidade, relacionando a todo o tempo os fatores que compõem sua configuração. Por outro lado, essa paisagem descrita e

representada não pode negar sua relação com aquele que a observa e representa, enfim, o sujeito para o qual ela se dá a ver. Nesse sentido, a paisagem é tomada numa perspectiva estética, atribuindo ao sujeito um papel criativo na sua captação e representação, de modo que o conjunto de formas (morfologia) não seja meramente fisionômico, mas revele a dimensão subjetiva de sua produção e representação.

A Ciência de Humboldt exigiria o permear do sujeito na construção desta realidade; envolveria portanto o chamado “pulo fichteano” do Eu para o não Eu, intuição e reflexão: “É na relação entre racionalidade-sensibilidade e objetividade-subjetividade que se apresenta o sentido último do pensamento humboldtiano, a unidade” (VITTE & SILVEIRA, 2010, 18). A descrição da Natureza pela prosa poética é, então, em Humboldt, dotada de um sentido de elevação do Espírito. A língua junta o desenvolvimento humano e sua relação com a natureza, num projeto que tenta abarcar a totalidade a partir das partes.

O texto de Esdras Arraes (2018) intitulado ‘A Apreensão sensível da Natureza em Goethe e Humboldt’ também foi objeto de nossa análise para esta investigação. Arraes (2018) discute o conceito de paisagem e observa sua utilização nas obras de Goethe e Humboldt a partir de quadros linguísticos, suas convergências e divergências, assim como influências recíprocas. Começando por Goethe, que em sua ‘Viagem à Itália’, ‘Werther’ e ‘Metamorfose das Plantas’ o autor trata da questão da apreensão sensível da natureza ‘real’ e de sua representação artística, da questão do olhar permeado pela teoria das cores desenvolvida por ele, Esdras afirma que vai seguir o conceito de quadro, paisagem, assim como em Humboldt. Segundo o autor, para ambos, a compreensão da natureza é fruto tanto de uma incursão estética quanto científica, que prevê uma totalidade viva, infinita. “Assim, a paisagem, tanto para Goethe como para Humboldt, é formulada pelo desejo de apresentá-la segundo a dimensão estética, isto é, seria necessário sensibilidade e imaginação para perceber a natureza em sua completude” (ARRAES, 2018, 16). O quadro da natureza subsume a forma, como coloca o autor, segundo ele isso seria central para entendermos Humboldt e Goethe.⁶

Humboldt vai se utilizar deste arcabouço teórico e desta influência retórica, segundo Arraes, para a construção de seu pensamento. O quadro, pensado neste contexto, é o recorte da totalidade orgânica da natureza. No segundo volume do Kosmos, Humboldt trata da história

⁶ Goethe via a Natureza como experiência interativa entre a objetividade das formas vistas e a subjetividade das emoções. Na realidade, dizia o autor de Fausto, descortinava-se “o mundo do olho” que se consome por formas e cores. De acordo com Maria Filomena Molder (1995, 65), o projeto heurístico goethiano refere-se à aceitação das afinidades e benevolências para com as diferenças movidas à totalidade, ao agrupamento da diversidade que se equacionam numa unidade a partir de procedimentos polarizados: sístole/diástole, análise/síntese, luz/sombra, e assim por diante. A paisagem é descrita como sendo composta por um todo e suas partes.

das representações da natureza e de como o descobrimento das Américas reformulou o imaginário da Europa (ARRAES, 2018).

Os procedimentos de ambos são bastante parecidos, relacionando as formas descritivas e a paisagem em 'Quadros da Natureza' e 'Viagem à Itália', ou seja, para o autor é difícil entender um sem o outro.

O último texto que utilizamos mais diretamente para desenvolver nossa pesquisa é de autoria de Guido Bragioni (2023), intitulado 'Natureza e Arte na discussão da Paisagem Geográfica', que trata da especificidade desta categoria de análise geográfica, a paisagem, e de como ela está pautada pelo vivido, intrinsecamente ligada a uma temporalidade própria, assim sendo passível de se relacionar com a arte. Por fazer parte da semiosfera, a arte é central para compreendermos a paisagem. O autor olha, então, para o legado de Humboldt na questão da paisagem, e de sua descrição, que influenciou tanto os geógrafos, quanto os gravuristas e exploradores, e até hoje é resgatada, como no caso da fotografia.

Vemos, então, que o tema da paisagem em Humboldt adota uma recepção multifacetada e é, em si, bastante amplo. O desdobramento do projeto de *Weltbeschreibung*⁷ humboldtiano ecoa nas discussões geográficas até hoje. É comum ouvirmos referência à *Naturgemälde*⁸, sua famosa composição aonde, a partir da disposição de elementos gráficos ele tenta abarcar a maior quantidade possível de aspectos do mundo físico, por meio de uma representação do Chimborazo. Tratando tanto da geologia, quanto da fitologia e do clima, Humboldt utiliza a pintura de uma paisagem para tentar condensar o conhecimento acerca de uma área e, a partir disso, identificar padrões nos comportamentos e aspectos geográficos.

⁷ A tradução literal do termo seria 'descrição do mundo. Era o que Humboldt entendia como um dos principais papéis da geografia

⁸ Ou quadro, pintura da natureza.

2.2. As interpretações de Humboldt: Paisagem e sua recepção. Uma análise dos Quadros

Feitas estas descrições sobre o conceito de paisagem (tanto no conhecimento geográfico mais geral, quanto na obra de Humboldt), resta voltarmos-nos mais especificamente ao texto dos *Quadros da Natureza*, recorte empírico principal de nossa pesquisa, com o intuito de identificar e compreender os sentidos do uso do conceito e da descrição de paisagem (ou pintura de paisagem) pelo autor. Como já vimos aqui, o livro é resultado das observações provenientes da viagem que Humboldt e Bonpland fizeram pelas américas. Vale lembrar que são dois europeus visitando uma América colonial em inícios do século XIX; tinha-se, à época, uma idealização das américas em mente. Idealização essa que aproximava-a da ideia de Natureza, colocando-a como sendo intocada, pura e de certo modo passível de ser compreendida de outra maneira, já que a Europa se encontrava ‘esclarecida’ já, encontrava sua natureza não mais intocada; em resumo, pode-se dizer que estes autores viam o Novo Mundo com olhos colonialistas. Humboldt, em certa medida, contradiz esta idealização, ou tenta, pelo menos; parece que isso está muitas vezes inscrito na gramática com a qual ele pensa o mundo, embora fizesse um esforço de criticá-la.

São incontáveis os trechos do livro nos quais o autor se detém a descrever a natureza em geral, uma paisagem específica, comparar descrições de paisagens distintas com o intuito de ressaltar suas diferenças e similitudes, falar da impressão que algum aspecto da natureza despertou nele ou desperta no homem em geral, tratar da unidade da Natureza, etc. Cabe ressaltar que, além disso, há um forte caráter enciclopédico na obra, ou seja, Humboldt tenta condensar o maior número de informações possíveis acerca das regiões visitadas (e da história e devir da terra) nas quase 700 páginas que compõem o livro; entre citações de medições altimétricas pretéritas realizadas por cientistas, colocações empíricas, elementos diversos acerca da história de povos originários, características morfológicas dos mais diversos locais com base na literatura, atualizações das tais aferições altimétricas seguidas de debates metodológicos. Esta parte de sua argumentação não nos interessou tanto no decorrer da execução da investigação; voltamos nossos esforços, assim, mais para o caráter literário-científico de descrição do meio, de pintura da paisagem, como sugeriu Lúcia Ricotta (2000) em sua argumentação (embora os dois aspectos venham fundidos, muitas vezes). Nos guiou também a questão posta por Antonio Carlos Robert Moraes (1981) ao final de seu capítulo sobre Humboldt de sua obra *Gênese da Geografia Moderna*, que nos parece de suma relevância para a história do pensamento geográfico; deste capítulo, nos interessou sobretudo retomar a questão sobre o que o autor chamou de ‘empirismo raciocinado’ de Humboldt; este caminho

de interpretação, aliado à intuição de fato, traz um desfecho à cadeia proposta por Humboldt em sua teoria do conhecimento e proposta sistemática para a geografia e o conhecimento do globo (MORAES, [1989] 2002, 117-118).

Neste importante parágrafo, Moraes expõe o que considera a espinha dorsal da metodologia humboldtiana: É a todo esse itinerário que Humboldt denomina de “empirismo raciocinado”, um método que combina a observação, a medição e a descrição com a elaboração indutiva, a comparação e a generalização num procedimento de pesquisa que articula diversidade e unidade (assim estudos sistemáticos e sintéticos), e individualidade e universalidade (assim as impressões e os dados empíricos). Essa proposta de método culminaria com a generalização, o estabelecimento de leis da distribuição e da combinação espacial dos fenômenos da superfície da Terra. Além disso, o itinerário da pesquisa geográfica deixaria em sua execução diferenciados resultados parciais (levantamentos, classificações, descrições locais, teorias sobre a distribuição dos fenômenos específicos, etc) em si bastante relevantes. Esta é, enfim, a proposta metodológica de Humboldt, expressa de forma difusa em sua obra.

Feitas estas considerações de caráter mais geral sobre os Quadros da Natureza, procuraremos agora nos deter na análise mais pormenorizada de alguns trechos que consideramos centrais para a obra.

*

O primeiro capítulo do primeiro livro, intitulado ‘Estepes e Desertos’, começa por tratar do aspecto geral de tais formas que vemos na natureza:

Junto das altas montanhas de granito, que desafiaram a erupção das águas, ao formar-se, na mocidade da terra, o Mar das Antilhas, começa uma vasta planície que se estende até perder de vista. Se, depois de atravessar os vales de Caracas e o lago Tacarigua, semeado de numerosas ilhas, e no qual se refletem os plátanos que lhe assombriam as margens, se passar pelos prados onde brilha a verdura suave e clara das canas de açúcar de Taiti, ou se deixar para trás a sombra densa dos bosquezinhos de cacau, a vista dilata-se e descansa para o sul sobre estepes as quais parecem ir-se levantando gradualmente e desvanecer-se no horizonte.

Arrebatado, de súbito, a todas as riquezas da vida orgânica, o viajante fica surpreendido ao penetrar nesses espaços sem árvores, que mostram apenas indícios de vegetação. (HUMBOLDT, [1807] 1952, 5)

Já temos, nesse primeiro sopro de texto, diversos elementos importantes. A começar pela espécie de mescla entre pintura paisagística e *Rückenfigur*⁹ que é descrita, ou seja, representada linguisticamente pelo autor. A paisagem que será apresentada (ou melhor, representada, voltaremos a isso depois) indissocia-se da presença do viajante nela, do olhar disposto a desvelar os elementos ali presentes e seu significado. A visão está desde o primeiro parágrafo grafada enquanto elemento pelo qual a paisagem afeta o viajante, descobrindo o Novo Mundo e surpreendendo-se. Os elementos do meio físico, do mundo natural, causam uma impressão no sujeito, afetam sua subjetividade, arrebatando-o a partir de uma seleção de elementos destacados que o chamam atenção.

Também importante é o fato de Humboldt começar a tratar da questão pela generalidade das formas, ligando o sentimento a uma espécie de paisagem específica que se repete no espaço ao redor do mundo e relacionando isso já com uma ideia de gênese das formas, do relevo.

O autor continua, já na página seguinte, ainda tratando dessa ideia de apreensão sensível dos elementos dispostos na paisagem e da sua subsequente reação causada por tais elementos, no caso em anamnese:

Hoje, contudo, ao chegar a noite, recordamos, por uma ilusão dos sentidos, aquelas imagens de um tempo que passou. Quando o extremo da planície se ilumina com o rápido nascimento ou ocaso dos astros brilhantes, ou a luz trêmula destes se reflete sobre as camadas inferiores dos vapores ondulantes, julgamos ter diante dos olhos um oceano imenso. Como este, as charnecas enchem também a alma com o sentimento do infinito, desligam-se as impressões materiais que produzem os espaços limitados, e elevam-se a mais altas inspirações (HUMBOLDT, [1807] 1952, 6)

Outro ponto da narrativa do autor que nos chamou a atenção foi a sensação que a ideia de infinito desperta, ideia de infinito esta que se depreende da imensidão dos espaços ermos, quase carentes de elementos, que é característica das estepes e das planícies; assim, vê-se que o autor traça uma linha entre mundo interior e exterior, pautando sua correspondência na errância e no sentimento do sujeito que se depara com o mundo. As amplas charnecas colocam o sujeito e suas impressões materiais nas mais altas inspirações. Será a partir do fenômeno experienciado que o cientista conhecerá o mundo e seus aspectos objetivos, ou melhor, o mundo em sua objetividade. O julgamento irá aproximar da estepe ou da planície um imenso oceano, ou seja, estas formas nos aparecem tal qual o oceano.

⁹ Ferramenta composicional nascida na arte romântica que mostra uma figura, de costas, olhando uma paisagem. O exemplo mais claro e clássico que temos disso é a obra de Caspar David Friedrich, *Der Wanderer über dem Nebelmeer* (Viajante sobre o Mar de Névoa).

No entanto, há uma primazia do sujeito nessa operação de representação de um objeto. Para distanciar-se do empirismo puro, Humboldt trata de esmiuçar aspectos inerentes ao sujeito que não dizem respeito somente à aritmetização do mundo conhecido, mas também da afecção da alma e da sensibilidade, cabendo a ele criar um juízo acerca do vivenciado. O sujeito, então, é parte constituinte dessa compreensão do mundo a partir de sua vontade e individualidade, radicadas nos ideais românticos da época. Há diversos trechos em que Humboldt remete direta ou indiretamente às suas experiências de vida ou casos específicos ocorridos em sua viagem e rememorados com vivacidade, ou até ao mais banal dos sentidos afetados em alguma região, como no caso em que indica que o ‘ar úmido da terra está impregnado do perfume dos ananases’ (HUMBOLDT, [1807] 1952, 216). Esse modo de apreensão do meio fica bem claro numa passagem do segundo livro, onde ele inicia a descrição das cataratas do Orenoco, numa prosa poética bastante refinada, sem dúvida dotada de valor literário:

Empreendo, pois, a descrição das duas grandes cenas que representam na solidão da Guiana, perto de Aturés e Maipurés, as cataratas do Orenoco, as quais, apesar da sua celebridade, pequeno número de europeus tinha visitado antes da minha viagem.

Muitas vezes a impressão que nos causa a vista da natureza, deve-se menos ao próprio caráter da região do que ao dia em que nos aparecem as montanhas e planícies aclaradas pelo azul transparente dos céus, ou veladas pelas nuvens que flutuam perto da superfície da terra[...] o mundo físico se reflete no mais íntimo do nosso ser, em toda a sua verdade. Tudo quanto dá caráter individual a uma paisagem: o contorno das montanhas que limitam o horizonte num longínquo indeciso, a escuridão dos bosques de pinheiros, a corrente que se escapa de entre as selvas e bate com estrépito nas rochas suspensas, cada uma dessas coisas tem existido, em todos os tempos, em misteriosas relações com a vida íntima do homem. (HUMBOLDT, [1807] 1952, 211-212)

Temos aqui a fórmula kantiana do transcendentalismo aplicada, de certa forma, com algumas particularidades, ao exercício da geografia, da aferição qualitativa do espaço em prol do conhecimento sistemático do globo. Talvez não aplicada ao seu exercício propriamente dito, mas inscrito em seus fundamentos. Na estética transcendental, espaço e tempo tornam-se categorias absolutas, inerentes ao homem no exercício de conhecimento do mundo. A razão passa a ter uma maior independência no processo do conhecimento, assim como a natureza cria independência a partir da ideia de organismo; em Humboldt aproximam-se e emaranham-se ambos, criando uma visão da relação do orgânico com o inorgânico. O autor aponta claramente a enorme importância do modo como nos é apresentada a paisagem, ou seja, como ela nos aparece fenomenicamente, para que possamos criar um juízo acerca dela, tendo menos importância o próprio caráter da região do que o jeito que ele é apercebido, que já é uma espécie de produção. Por meio da relação com a ‘vida íntima do homem’, muitas vezes o autor tenta

transpor a binariedade objetivo/subjetivo, utilizando-se de uma espécie de *sehnsucht*¹⁰ para delimitar o alcance de suas descrições (e, consequentemente, de sua ciência), a partir dessas ‘misteriosas relações’, que não são exatas, perfeitas. Aí entra de novo em pauta a questão do lirismo enquanto ferramenta para exprimir esta complexidade, como mostra o seguinte trecho: “As ondas do rio, ordinariamente cheias de limos, mas brancas como leite nos baixios, contrasta com o azul do mar, que traça em volta delas um limite perfeitamente definido.” (213)

Tendo sido influenciado por autores do idealismo alemão como Schelling, com sua Filosofia da Natureza, e pelo pensamento estético de Schiller também, como já vimos, Humboldt parece adotar a máxima idealista de que a estrutura do sujeito e a estrutura do real são parelhas, não se diferenciam entre si, ou seja, não se pode apartar o conhecimento do real da nossa condição subjetiva e linguagem. Isso que nos faz captar a unidade do real e, como colocam Vitte e Silveira (2015), o amálgama desta relação é justamente a forma, em Humboldt. A morfologia é central no seu estudo da terra (*morfê*, forma, do grego)¹¹. A proposta de geografia sistemática de Humboldt carrega essa ambição de interligar os fenômenos que ocorrem na superfície da terra e compreendê-los em relação, compreender a dinâmica motora do mundo (não se nega que há algo de metafísica ainda aí). Nesse sentido, a paisagem é o *locus* no interior do qual esse método se aplica na prática, juntando estética e ciência. Por meio da representação, Humboldt tenta organizar, em imagem construída linguisticamente, o real, a partir de um ideal de harmonia e tautologia da Natureza. Somado a isso, Humboldt não deixa de, por vezes, abrir mão do essencialmente abstrato e especulativo, passando também por um momento empirista. Como nos lembra Paulo Arantes (1995), o idealismo alemão foi um movimento filosófico que se baseou numa hipertrofia dos elementos abstratos em pensamento, de forma a criar uma realidade diferente do arcaísmo que se via na Alemanha. Humboldt tenta fugir desta abstração exacerbada.

Parece, pois, haver um movimento de sístole e diástole em Humboldt em relação à ilustração, ora alinhando-se e ora distanciando-se dela. Como apontam Adorno e Horkheimer, o símbolo da *Aufklärung* é, muitas vezes, o seu avesso.

A temática da virgindade da paisagem também aparece, enquanto elemento importante; fala-se de um lugar pelo qual poucos – ou nenhum – europeu havia tomado contato, e onde muitas vezes parece não haver o menor indício da ação ou ocupação humana.

¹⁰ Anseio, no Alemão

¹¹ Essa morfologia importante é tratada por Humboldt na observação da paisagem, na descrição dos Quadros da natureza, que, no sentido último, são pinturas de um processo, de uma dinâmica que toma expressão mais elevada nas condições originais de sua manifestação, na fidedigna contemplação do conjunto das formas. (VITTE & SILVEIRA, 2010)

Ricotta (2000), ao traçar um paralelo entre a pintura flamenga do XVIII, argumenta que o que Humboldt faz é trazer uma apresentação viva da paisagem onde, em ambos os casos, o intuito é trazer a figura o mais fidedigna possível do objeto pintado, trazendo uma ideia de presença àquele que não está presenciando de fato tal paisagem, como se este estivesse diante dela de fato, a partir do desenvolvimento específico de elementos composicionais da linguagem escrita e pictórica. Faria-se, então, uma ponte entre paisagem e paisagem ideal, desta forma. Para ela, o conceito de espacialidade adotado posteriormente pelas ciências está radicado nesta operação de transformação da experiência estética da paisagem em conhecimento científico. Já Lopes (2016), numa linha parecida quanto ao entendimento dos procedimentos humboldtianos, indica que o autor trabalha com a evocação da paisagem, nos lembrando, no entanto, que a paisagem não carrega apenas uma carga epistêmica, mas de história social também. Considerando que o livro tinha um apelo bastante amplo de divulgação para o público em geral, com o público leigo incluso, e tendo em vista seu iminente sucesso, essa proposta aparenta ser bastante plausível, tendo respaldo na análise do livro propriamente dita.

Depois de falar da generalidade dos espaços ermos, de como se repete no globo o fenômeno das planícies e estepes, Humboldt passa a diferenciar esses espaços entre si, falar de suas particularidades e diferenças, como mostra o trecho a seguir: “Em todas as zonas a natureza apresenta o fenômeno destas planícies sem fim; mas, em cada região, tem elas caráter particular e fisionomia própria, derivados da constituição do solo, diferenças de clima e elevação sobre o nível do mar.” (6)

Aqui começamos a notar seu método sendo aplicado, para compor o que se chamou de ‘diferenciação do espaço’ enquanto sendo parte fundamentalmente constituinte de seu projeto de geografia geral, juntando indução e comparação, empirismo e especulação. É o fio que conduz a relação entre o particular e o universal que Humboldt tenta seguir, às vezes como alguém tateia uma corda no escuro, com o intuito de guiar-se a algum lugar. Nessa ciência do Cosmos, sistemática, que busca entender a unidade da natureza e a objetividade do mundo, a observação e a descrição serão centrais na hora de tratar das particularidades das regiões estudadas, com seus ‘Aspectos Gerais’, recorrentes subitens de seus capítulos, sempre trabalhados¹². Por meio da fisionomia, da morfologia, de aspectos da fauna e da flora, da geologia, da impressão do observador que irá se diferenciar uma região da outra, uma planície de outra, buscando compreender esta cadeia de similitudes e diferenciações. Ou seja, vai ser a

¹² Ocupam as planícies um espaço igual quase a três vezes o do mar mediterrâneo. Estão situadas parte nos trópicos e parte nas zonas adjacentes. É esta a sua fisionomia particular. Pelo contrário, se se passar à região oriental do antigo continente, repete-se o mesmo fenômeno geológico, de preferência nas regiões temperadas. (HUMBOLDT, [1807] 1952, 8)

partir da paisagem que Humboldt irá basear a sistematização de sua ciência (a paisagem entendida em seu idealismo subjetivista, como já vimos), articulando seus conhecimentos muitas vezes a partir deste pano de fundo, desta categoria espacial. Como mostra o excerto abaixo,

Um dos resultados da geografia geral que melhor compensa os esforços que custa, consiste em ligar a constituição física de regiões separadas por vastos intervalos, mostrando, em alguns traços, a utilidade de tal comparação. Diversas causas, em parte pouco estudadas até hoje, tendem a tornar menos cáldo e seco o Novo Continente. (HUMBOLDT, [1807] 1952, 12)

É a partir dessas relações, então, que Humboldt irá buscar entender e explicar os fenômenos naturais e espaciais. Muitas vezes será a articulação do que ele viu em campo com o compêndio de conhecimentos científicos feito e organizado por ele que será arquitetado. Isso é algo profundamente geográfico, por si só; isto é, relacionar as formas e sua distribuição com uma relação causal, criando leis e reconhecendo padrões que nos permitam estudar mais a fundo tanto o local quanto o regional e global. Desde o comportamento de fitofisionomias em relação à altitude e latitude terrestres, até a distribuição de populações e traçado de isolinhas, tudo isso sistematizado indica um importante passo da ciência em direção ao método nomotético, num entendimento corológico. Este método, por sua vez, será a base do pensamento geográfico no momento de sua institucionalização propriamente dita, algumas décadas depois da atuação de Humboldt (e segue sendo fundamental até hoje). É uma perspectiva holística que leva em conta as partes do todo e busca compreender a relação homem-natureza espacialmente. Acreditamos que, mais do que saber se Humboldt se enquadra ou não enquanto sendo um geógrafo já (o “primeiro geógrafo”), o importante é termos uma visão deste período de transição do qual ele faz parte e tem um papel central.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A geografia de Humboldt, então, como vimos, é uma tentativa de sistematização. Uma tentativa de seguir o traço da causalidade dos fenômenos naturais, das leis da natureza a partir da empiria e da intuição, desvelar o véu de Maia, para identificar a essência dos fenômenos que estudava. Abranger os momentos subjetivo e objetivo, embebidos pela razão, que dá conta de ambos. Este é um movimento que aparenta seguir a história da cultura ocidental desde os seus primórdios, como aponta Jacques Rancière (2021), identificando a razão ficcional aristotélica como tendo sido a base não só para a ciência, mas para a literatura também, por muito tempo. Citando a fórmula bachelardiana de que “Só há ciência do escondido”, Rancière nos ensina que a racionalidade ocidental não é exatamente o que o senso comum nos leva a crer muitas vezes; como mostra o autor,

A opinião dominante professa que a idade moderna é a de uma clara separação: de um lado, a ciência das relações reais, finalmente libertada dos artifícios da ficção; do outro, a literatura e a arte, finalmente libertadas dos servilismos do real e de sua imitação. Porém, o contrário é que é verdadeiro: o processo essencial que funda ao mesmo tempo a literatura e a ciência social modernas é a abolição da divisão que opunha a racionalidade ficcional das intrigas à sucessão empírica dos fatos. Ambas recusam a separação entre a razão das ficções e a dos fatos corriqueiros. (HUMBOLDT, [1807] 1952, 10)

Estando a geografia de Humboldt na divisa entre metafísica e ciência, e a geografia entre as ciências naturais e sociais, o raciocínio de Rancière nos parece profícuo para pensar o lugar desta forma de pensar. Pensamento este que tenta entender o funcionamento do real, que não tem jeito certo de ser pensado, é um processo fugidio. Vimos aqui algumas maneiras com que Humboldt articula isso, muitas vezes centrando-se na representação, talvez tendendo mais para o lado da subjetividade¹³. O fato de ele ter falado tão amplamente sobre tantos temas talvez

¹³ Hegel, na sua Fenomenologia do Espírito, trata dessa questão de maneira bastante interessante na seção ‘Observar a Natureza’: “Porém essa consciência, no afã com que recomenda o gostar, o cheirar, etc, esquece de dizer que também o objeto desse sentir já está de fato determinado para ela, essencialmente; e que, para ela, essa determinação do objeto vale pelo menos tanto como esse sentir. Tem de admitir igualmente que, em geral, não se trata só do perceber; assim, para dar um exemplo, a percepção de que este canivete está posto aqui ao lado da tabaqueira não tem valor de observação. O percebido deve ter pelo menos a significação de um universal, e não de um isto sensível.” (HEGEL, 1807 [2007], 161).

Hegel continua, logo após: “Para a consciência observadora a verdade da lei não está em si e para si mesma; está na experiência, como no modo em que o ser sensível é para ela. Mas se a lei não tem sua verdade no conceito, então é algo contingente, não uma necessidade; ou, de fato, não é uma lei.” (164) Não cabe aqui discorrer sobre isso, mas seria interessante pensar – eventualmente numa continuação desta investigação – na diferenciação que Hegel faz entre *Darstellung* (Representação) e *Ausstellung* (Apresentação), priorizando a segunda. Adorno, em sua Teoria Estética, coloca Humboldt entre Kant e Hegel, ambos tinham o intuito também de superar a dualidade Sujeito Objeto, assim como Humboldt.

tenha sido o motivo de seu ofuscamento, já que a leitura de suas obras dá-se hoje majoritariamente nas academias.

O projeto Humboldtiano da Ciência do Cosmos tenta abarcar o todo dos fenômenos terrestres. Talvez seja uma ambição grande demais, mas acreditamos que Humboldt estava ciente de suas limitações também. Se levarmos em conta o desenvolvimento posterior da ciência moderna, notamos diferenças significativas. As ciências foram, gradativamente, se especializando mais e mais.

Parece-nos, logo, que olhar para trás, para este passado onde a ciência ainda não havia se institucionalizado e estava se formando sob circunstâncias bastante específicas, pode nos dizer bastante sobre como pensamos o mundo em que vivemos e como enxergamos a nós mesmos neste mundo. Não sabemos se há, hoje em dia, lugar para a experiência estética e a descrição proso-poética no interior da ciência, como Humboldt ousou fazer há 200 anos para fugir das limitações das formas de conhecimento que se apresentavam. Mas, como vimos, ambas partem de lugares parecidos e podem almejar fins correlatos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARANTES, Paulo Eduardo. **RESSENTIMENTO DA DIALÉTICA: Dialética e Experiência intelectual em Hegel (Antigos Estudos sobre o ABC da Miséria Alemã)**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.

BERLIN, Isaiah. **The Roots of Romanticism**. New Jersey: Princeton University Press, 2013 (1965).

BRAGIONI, G. L. L. **Natureza e Arte na discussão da Paisagem Geográfica**. Geosp, v. 27, n. 2, e-195954, may/aug. 2023. ISSN 2179-0892. Available at: <https://www.revistas.usp.br/geosp/article/view/195954>.

BRUNET, R., Ferras, R. et Théry, H. (1992) **Les mots de la géographie**, dictionnaire critique. Montpellier/Paris/Reclus/La Documentation Française, 470 p. (ISBN 2-11-002852-1)

CANGUILHEM, G. **Études d'Histoire et de Philosophie des Sciences**. Paris: Vrin, 1970

CAPEL, Horácio. **Filosofía y ciencia en la geografía contemporánea**. Barcelona: Temas universitarios, 1988.

CLAVAL, Paul. (1974) **Evolución de la geografía humana**. Barcelona: Oikos(1964).

GABAGLIA, Eugênio de Barros Raja. **Prefácio**. In. HUMBOLDT, Alexander Von (1808). **Quadros da Natureza**, 1º Vol. 1954

GOETHE, Johann Wolfgang von **Viagem à Itália 1786-1788** Trad. Sérgio Tellarolli. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

HARTSHORNE, Richard. **The nature of geography**. A critical survey of current thought in the light of the past. University of Minesotta Press, 1939.

HEGEL, G. W. F. **Fenomenologia do Espírito**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes e Editora Universitária São Francisco, 2007.

HUMBOLDT, Alexander Von (1808). **Quadros da Natureza**, 1º Vol., Rio de Janeiro: W. M. Jackson Inc (Clássicos Jakson), 1952.

_____. **Quadros da Natureza**, 2º Vol., Rio de Janeiro: W. M. Jackson Inc (Clássicos Jakson), 1953.

KANT, I. **Crítica da Razão Pura**. 3ª Ed. Lisboa: Editora Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.

LATOUR, B. & WOOLGAR, S. **Laboratory Life: the social construction or scientific facts**. Beverly Hills: Sage, 1979

MORAES, Antonio Carlos Robert de. **A gênese da geografia moderna**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2002

_____. **Geografia: pequena historia crítica**. . São Paulo: Hucitec, 1981.

PEDRAS, Lúcia. **A Paisagem em Alexander Von Humboldt: O modo descritivo dos quadros da natureza**. In: REVISTA USP, São Paulo, n.46, p. 97-114, junho/agosto 2000

PORTOCARRERO, V. **Conceitos e Forças: objeto da história das ciências segundo Canguilhem e Latour**. In: As ciências da vida: de Canguilhem a Foucault [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2009, pp. 39-50

RANCIÈRE, J. **As Margens da Ficção**. São Paulo, Ed. 34. 2021.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova: Da Crítica da Geografia a uma. Geografia Crítica** / Milton Santos. – 6. ed.- São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004

_____. **Metamorfose do Espaço Habitado: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia**. São Paulo: Hucitec, 1998.

SAUER, O. **A morfologia da paisagem**. In: CORRÊA; ROZENDAHL (Orgs.). Paisagem tempo e cultura, Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

SILVEIRA, Roberison Wittgenstein Dias da. **O Gênio Ródio de Alexander von Humboldt**. Sociedade e Natureza. Uberlândia, v. 27, n. 1, p. 7-20, jan./abr., 2015.

VINTE MIL LÉGUAS Leda Cartum e Sophia Nestrowsky [S. 2. EP .11]: Humboldt, 2022. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/4QTkkww1sb9ZdCEq8C1u6W>. Acesso em: 22 ago. 2023.

VITTE, Antonio Carlos; SILVEIRA, Roberison Wittgenstein Dias da. **Considerações sobre os conceitos de natureza, espaço e morfologia em Alexander von Humboldt e a gênese da geografia física moderna**. História, Ciências, Saúde – Manguinhos. Rio de Janeiro, v.17, n.3, jul-set. 2010, p.607-626.

VITTE & SILVEIRA, R W , A. C. **A Paisagem em Alexander Von Humboldt. Símbolo e Linguagem no Romantismo Alemão**. In: Caderno Prudentino de Geografia, .32, vol.1, p.5-22, jan/jun. 2010

WULF, Andrea. **A invenção da natureza : a vida e as descobertas de Alexander von Humboldt**. 1 .ed. - São Paulo : Planeta, 2016.